



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS**

WILLIANNE MARINHO NOGUEIRA

**BERTOLEZA E A SERVIDÃO ESCRAVAGISTA EM O CORTIÇO, DE
ALUÍSIO DE AZEVEDO**

PORTO NACIONAL, TO

2022

WILLIANNE MARINHO NOGUEIRA

**BERTOLEZA E A SERVIDÃO ESCRAVAGISTA EM O CORTIÇO, DE
ALUÍSIO DE AZEVEDO**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins
– UFT- *Campus* Universitário de Porto Nacional, Curso
de Letras-Português para obtenção do título de
Licenciada em Letras e aprovada em sua forma final
pela
Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Ma. Maria da Glória de Castro
Azevedo.

Coordenadora: Profa. Dra. Marisa S. Neres

Porto Nacional/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- N778b Nogueira, Willianne Marinho.
Bertoleza e a servidão escravagista em O Cortiço, de Aluisio de Azevedo .
/ Willianne Marinho Nogueira. – Porto Nacional, TO, 2022.
30 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2022.
- Orientadora : Maria da Glória De Castro Azevedo
1. Literatura brasileira . 2. Presença negra na literatura . 3. Escravidão . 4.
Bertoleza . I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

WILLIANNE MARINHO NOGUEIRA

BERTOLEZA E A SERVIDÃO ESCRAVAGISTA EM O CORTIÇO, DE
ALUÍSIO DE AZEVEDO

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins
– UFT- Campus Universitário de Porto Nacional, Curso
de Letras-Português para obtenção do título de
Licenciada em Letras e aprovada em sua forma final
pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Mr^a. Maria da Gloria de Castro Azevedo - UFT

Prof^a. Dr^a. Lyanna Costa Carvalho - UFT

Prof^a. Dr^a. Viviane Cristina Oliveira - UFT

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” - Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela infinita bondade em minha vida, por ter me dado forças para conseguir superar todas as dificuldades pelas quais passei até aqui, iluminando meus caminhos para ter mais uma conquista que é a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me e enviando aonde quer que eu estivesse suas energias positivas para que eu pudesse ultrapassar as barreiras do novo e desafiador, agradeço também ao meu irmão, que me motiva todos os dias ter excelência em tudo que faço.

Agradeço ao meu companheiro, Maurício Dias, pela força que em mim depositou em todas as vezes em que pestanejei em desistir.

Agradeço ao Prof.º Edcarlos de Aquino que indiretamente me fez amar esse curso, com seu entusiasmo e magnificência na docência. E a Prof.ª Ma. Maria Glória, por me honrar ao aceitar ser minha orientadora deste trabalho, pois sua essência e solidez são sinônimos de um novo eu como futura professora.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para a minha avó paterna, Maria Batista Nogueira, mulher negra, do norte do Brasil, residente no município de São Sebastião do Tocantins, até o dia da sua morte. Lugar onde também gerou doze filhos, em uma época em que a fome só não era mais presente porque possuíam terra para se plantar, mas isso não era sinônimo de alívio financeiro, pois minha avó sofreu muito para conseguir criar seus filhos em um período tão pobre. Foi casada com um homem que acredito ter lhe proporcionado a solidão de uma mulher negra e mãe.

Sou filha da segunda geração desta mulher e não vi tudo o que minha avó passou, mas a boa parte do que presenciei, pude perceber o verdadeiro significado da luta da mulher pobre, camponesa e mãe. Meu avô, como costume de muitos homens da época, não era fiel à esposa e carregava a eloquência de um amante para outras mulheres. Inúmeras vezes vi discussões vindas de situações criadas por meu avô em suas andanças, sem preocupação de degradar seu casamento.

Lembro-me de que certa vez, perguntei à minha avó como era amar um homem que, apesar de tanto sofrimento causado, não lhe dera motivos para uma separação, pois a única explicação para mim, seria o amor. A resposta de minha avó, foi que sim, foi por amor, mas não ao seu parceiro e sim aos seus filhos pois, segundo minha avó, ela sabia que ter filhos sem o amparo de um pai, mesmo que daquele jeito, seria a destruição não apenas dos seus sentimentos, mas a de seus descendentes.

Mesmo tendo tanto para desistir, minha avó sempre esteve firme e serena, nunca demonstrou dor, mesmo nos seus últimos momentos em vida, em que sentia as consequências de uma parada cardíaca. Seus filhos e descendentes carregam essa herança, todos negros ou com traços negroides, mas me pergunto, será que se minha avó fosse mais amada teria tamanha precisão de não demonstrar o sofrimento? Somos ensinados a ser fortes, mas por que são mais os negros que tendem a esconder esse sentimento?

Anos mais tarde na faculdade tive o prazer de conhecer mais de perto a literatura e em especial o livro de Aluísio de Azevedo, intitulado *O cortiço*. Conhecendo a personagem Bertoleza, vi tamanha semelhança entre ela e minha avó. Uma dessas semelhanças é o quesito do corpo como objeto de cunho servil e sexual, até que, pouco a pouco deixa de ser considerada a sua amante para ser apenas uma escrava, mesmo que do lar. A outra semelhança é o comparativo de nunca ter usufruído do trabalho que teve, não tinha boas roupas, o corpo era mal cuidado, não teve muitos dias de descanso, pois mesmo depois de idosa, minha avó

acabou desenvolvendo várias doenças consequentes de tantos anos de trabalho sem tempo e sem condições econômicas para cuidar da saúde.

Portanto, meu trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo, homenagear a minha querida avó, conhecida como “Mariinha” e todas as mulheres que sofreram e sofrem como Bertoleza.

RESUMO

A representatividade da vida e morte da personagem Bertoleza do livro *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo é o foco deste trabalho. Para mais detalhes, o *corpus* dessa pesquisa consiste em dois tópicos, aonde o primeiro gira em torno do pensamento na literatura e como dela deriva o percurso em que tem essa personagem e o segundo equivale sobre a reflexão acerca do corpo negro como objeto de uso e desuso, com base no ponto de vista de conceituações de grandes pensadores modelos como é o caso de Lélia Gonzalez e Isildinha Nogueira, entre outros. Assim, analisaremos o trajeto percorrido pela personagem e as consequências em que a mesma se encontrava em relação aos seus dominadores, tendo como objetivo analisar as relações de exploração da força de trabalho e a expropriação da humanização da personagem, com a estrutura do racismo e patriarcalismo dentro da sociedade e como essa ação se tornou naturalizada acerca da não dada dignidade das pessoas negras. As principais indicações foram que estudos como esse devem ser mais abordados em sala de aula assim como na vida cotidiana, logo que a socialização acerca da diversidade e a interculturalidade são entrelaçadas socialmente.

Palavras- chave: Literatura brasileira. Presença negra na literatura. Escravidão. Bertoleza.

ABSTRACT

The focus of this assignment is the life and death representation of the character Bertoleza from the book *The Tenement* of Aluísio de Azevedo. For more details, this research's corpus consists of two topics, in which the first one revolves around the thought in Literature and how it derives the path in which this character takes and the second is equivalent to reflection about the black body as an object of use and disuse. Based on the point of view of conceptualizations of great model thinkers such as Lélia Gonzalez and Isildinha Nogueira, among others. Thus, we will analyze the path taken by the character and the consequences in which it has been put in regard to its dominators, aiming to analyze the relations of exploitation of the workforce and the expropriation of the character's humanization, with the structure of racism and patriarchy within society and how this action became naturalized about the ungiven black people's dignity. The main indications were that studies like this should be more approached in the classroom as well as in everyday life, as soon as socialization about diversity and interculturality are socially intertwined.

key-words: Brazilian literature. Black presence in literature. Slavery. Bertoleza.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO TEÓRICO: O CORPO NEGRO USADO PARA PRODUZIRRIQUEZAS PARA CORPOS BRANCOS.....	15
3 EXPANSÃO SOCIAL BRANCA & ESCRAVIDÃO E MORTE NEGRA: JOÃO ROMAO X BERTOLEZA	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, ainda é possível ver uma alta vigência do preconceito racial em parte da população brasileira e, em alguns momentos, quando essa parte é questionada, justificam o racismo com a desculpa de que “não sabiam”, livrando-se de consequência da lei que criminaliza o racismo, demonstrando que os séculos de escravidão documentada, livros e estudos, não foram suficientes para a não aceitação da opressão e da violência racial de milhões de vidas vítimas de crimes praticados contra o corpo negro.

No viés histórico de conhecimento social, a literatura foi e é um meio de reflexão da história e da cultura de um povo por meio de livros, narrativas e personagens que retratam a cultura escravocrata brasileira. Dentre as obras literárias que abordam esse tema, para a escrita deste artigo, escolheu-se o romance *O Cortiço*, romance de Aluísio Azevedo, publicado em 1881, quando o Brasil era a única nação escravocrata da América Latina.

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em 14 de abril de 1857, na cidade de São Luís do Maranhão, região nordeste do Brasil, o autor era conhecido por querer conhecer as pessoas que futuramente poderia escrever e até desenhava para melhor ter uma imaginação sobre os mesmos. Foi muito criticado quando lançava histórias com um viés abolicionista, como foi o caso do livro *O Mulato* e também ao retratar traços hediondos da sociedade no momento que vivia, com suas narrações detalhadas como eram os aspectos do naturalismo.

O presente trabalho intitulado *Bertoleza e a servidão escravagista em O Cortiço, de Aluísio Azevedo*, pretende analisar o tema da escravidão e da subalternidade da mulher escravizada, através do estudo da personagem Bertoleza, do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Esse romance foi publicado no século XIX em uma sociedade escravocrata e patriarcalista que naturalizava a desumanização de homens negros e de mulheres negras. O núcleo central desse estudo é a personagem Bertoleza, síntese da desumanização e da exploração desmedidas das mulheres escravizadas na sociedade brasileira até o final do século XIX.

Bertoleza é uma das poucas mulheres escravizadas presentes na literatura brasileira do século XIX que tem voz e um certo protagonismo. É uma personagem relevante para o enredo do livro e para a ascensão do protagonista João Romão (que é também o seu antagonista). A medida em que João Romão progride, apropriando-se inadequadamente das economias, da força de trabalho e do corpo de Bertoleza, mais ele sente desejo de se inserir na corte

brasileira e passa a ver Bertoleza como uma vergonha e um impedimento para essa inserção social.

Nesse momento, já tendo sugado a vida da escrava, enganando-a quanto a sua carta de alforria, ele a entrega ao seu antigo proprietário, sintetizando a imagem da pessoa negra a de um animal, a uma mercadoria de venda, troca e expropriação. Bertoleza, percebendo que foi enganada durante anos pelo homem a quem julgava seu companheiro, suicida-se, compondo uma das cenas mais trágicas e tristes acerca da vilania da escravidão presentes na literatura brasileira oitocentista.

Dessa maneira, são encontradas no enredo demonstrações de desafeto, desumanização e violência através dessa narrativa, assim, o que aqui se procura discutir sobre essa desvalorização e animalização naturalizada acerca da mulher negra do século XIX, para tanto, o objetivo dessa pesquisa é demonstrar como as estruturas do racismo e do patriarcalismo escravocrata brasileiro naturaliza a exploração da força de trabalho e da dignidade de pessoas negras.

Quanto à metodologia utilizada para essa pesquisa, ressalta-se que a mesma é de caráter bibliográfico, portanto, foram feitas leituras teóricas, fichamentos e discussões com a orientadora para a escrita do presente artigo.

Estudar a temática do racismo, da violência de gênero e da escravidão em nossa literatura é importante para que sejamos uma sociedade com um olhar mais crítico e combativo acerca das estruturas de opressão. A literatura é uma das melhores fontes de análise e entendimento dessas estruturas sociais. A reflexão em torno da personagem Bertoleza é importante para os estudos literários atrelados à análise de nossa sociedade e sua forma de poder e opressão patriarcalista que se estende do passado aos tempos atuais.

A presente pesquisa se apresenta assim estruturada: no primeiro momento do desenvolvimento, intitulado de *Percurso teórico: o corpo negro usado para reproduzir riquezas para corpos brancos*, na qual foi feita uma revisão teórica acerca da representação da personagem negra na literatura brasileira, com base na fundamentação de autores como Lélia Gonzalez (1984), Suely Almeida (2002) e Ina Karner (2012), autoras que nos auxiliaram na leitura compreensiva da literatura e sua perspectiva para a compreensão de enigmas do livro, *O Cortiço*.

No segundo momento, intitulado de *Expansão social branca e escravidão e morte negra: João Romão x Bertoleza*, abordamos a percepção sobre o corpo negro nessa personagem foco e a sua hostilidade perante as consequências da sociedade racista.

E, por fim, para fechar a análise, nas considerações finais, fez-se a reflexão acerca da importância da obra para literatura e seus futuros pesquisadores, logo que essa pesquisa é relevante para os estudos acadêmicos de literatura, visto que servirá como fonte de pesquisas futuras para um olhar mais crítico em torno do ensino de literatura do século XIX e seus desdobramentos na contemporaneidade.

2 PERCURSO TEÓRICO: O CORPO NEGRO USADO PARA PRODUZIR RIQUEZAS PARA CORPOS BRANCOS

A presente pesquisa se respalda em teóricos que abordam as questões referentes ao racismo e violência de gênero. Para tanto, fundamenta-se no pensamento teórico de Lélia Gonzales (1984), Suely Almeida (2002), Conceição Evaristo(2005), Ina Kanner (2012) e Isildinha Nogueira (1999).

Sendo assim, a presente pesquisa, intitulada de *Bertoleza e a servidão escravagista em O Cortiço, de Aluísio Azevedo*, se norteia a partir da análise feita com relação a personagem Bertoleza do livro *O Cortiço*, e as caracterizações desenvolvidas por ser uma mulher e negra. Assim sendo, nas perspectivas de Kenner sobre a citação de Nancy Fraser, o racismo e o sexismo seria tratado como

(...) problemas de distribuição e de reconhecimento, enquanto as formas de poder relacionadas a classes ou camadas sociais são primariamente descritas de maneira política-econômica e poderiam ser combatidas apenas por meio de medidas de redistribuição. (KENNER, 2012, p.47)

Percebe-se que mesmo que a submissão venha de uma cultura que sempre se popularizou perante o dominante ao dominado, a existência de regras para um bom funcionamento de um grupo em sociedade, flexibilizou em algumas ações ao ponto de coexistir entre meios, para que o “sistema” colabore majoritariamente a autoridade e assim a classe dominante. Conforme Suely Almeida (2002, p. 5), as conjunturas são sinalizadas pela hierarquização e o autoritarismo, dessa forma é de suma importância o estudo consciente desse poder unilateral perante a sociedade.

Segundo, Lélia Gonzalez o mito da democracia perpetuou por inúmeros aspectos essa falsa estrutura social ideal, como a construção do poder do dominante em relação ao dominado e seu estilo de vida, pois,

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (Gonzalez, 1982, p.15).

A relação da violência racial, em outros tempos, sempre foi sinônimo de desvalorização do preto dominado, como é a questão da mulher negra retratada como

mucama, mãe preta (com nomes mais sofisticados como "secretária do lar" na atualidade) de forma servil ao dominado. Segundo Almeida (2002) “[...]Qualquer que seja a modalidade estudada, a experiência da violência está presente nas subjetividades das mulheres”, deixando visível o papel que a mulher é exposta perante sua vida em sociedade.

Segundo González (1984), o lugar que a mulher negra é colocada na sociedade é determinado fundamentalmente pela dupla opressão: a de gênero e raça, ao mesmo tempo, e para exemplificar, estereótipos que mediante caracterização vemos também no livro *O cortiço*, representada pela personagem, Bertoleza.

Ao buscar no passado colonial brasileiro o momento em que esse duplo caráter da mulher negra se criou, ela cita que a “mucama” é negra e escravizada, escolhida para trabalhar nas casas grandes como servil e sexualmente. Faz-se lembrar também, que no século XVIII, houve a naturalização da concubinação: relação sexual com alguém que não necessariamente se casa, ou seja, com essas mulheres negras, como é caso da protagonista d’*O cortiço*, daí mais motivos por esse desejo pela mulher negra, por não findar compromissos como em relação à uma mulher branca, assim, mesmo mostrando um passado colonial, ele se torna presente e atuante.

De acordo com Nogueira (1999, p. 43) “[...] O corpo funciona como marca dos valores sociais e nele a sociedade fixa seus sentidos e valores”, sendo assim, entende-se que a segregação em torno do corpo negro, na inexistência do lugar do negro perante os valores sociais presente na sociedade, diante disso, o que a autora traz como discussão é de como a negritude é colocada como “peça” e “coisa”. Essa percepção de valor da peça negra se estende à desvalorização, logo que não se passa de um desfrute sem ascensão, pois o fardo do mesmo vem de um contexto escravocrata e se tem como tal.

Assim, por mais que traços de oportunidade apareceram para um corpo negro, ele está em contínua repetição sujeitável, pois quando se trata de oportunizar a vivência para obter a igualdade entre um sistema gregário e de colaboração mútua, o mesmo é abdicado, pois segundo Nogueira (1999, p. 45) “[...]o negro vive cotidianamente a experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade.”

Nogueira ainda exemplifica que,

O corpo humano, para além de seu caráter biológico, é afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura e outras intervenções sociais. Assim, cumpre uma função ideológica, isto é, a aparência funciona como garantia ou não da integridade de uma pessoa, em termos de grau de proximidade ou de afastamento em relação ao conjunto de atributos que caracterizam a imagem dos indivíduos em termos do espectro das tipificações. (NOGUEIRA, 1999, p. 41)

Dessa forma, além de toda essa conceituação através do corpo humano, entramos também no quesito do corpo da mulher. De acordo com (KANNER, 1999 p.10), o termo de origem *sexism* foi criado por analogia com o termo *racism* na segunda metade dos anos 1960.

Para Kanner, esses termos têm diferentes formas de relação, mas que podem ser diferenciados. “[...]O primeiro estabelece semelhanças entre formas de racismo e de sexismo, o segundo, diferenças entre eles, o terceiro, acoplamentos entre ambos, e o quarto, cruzamentos, entrelaçamentos ou intersecções.” (KANNER, 1999 p. 4) Percebe-se que, além do racismo, o sexismo sobre a personagem Bertoleza também se destaca, pois além dela ser julgada pelo seu passado, pelo seu tom de pele, pelos seus cuidados com o corpo, também é julgada apenas por ser uma mulher, ao presumirem uma supremacia dominante, ou seja, o masculino, sobre ela, ao ser sempre o bem de alguém e não ser de si só.

No decorrer do tempo, surgiram lutas a favor das classes menos favorecidas na sociedade, uma delas foi o feminismo, que seria a luta contra a opressão em torno das mulheres em vários âmbitos de vivências, entretanto, a repercussão visto inicialmente não estaria dentro da realidade da mulher negra, como era visto perante todos,

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. (HOOKS, 2015, p. 5)

Essa distinção, de acordo com os valores sociais dominantes, na verdade se estende por séculos, cabe aqui pensar se Bertoleza, em comparação com os dias atuais, teria a mesma bagagem social que a Dona Estela, (mulher do seu vizinho Miranda e mãe da filha Zulmirinha, que casaria com “o homem” de Bertoleza, João Romão) logo que era uma “[...] senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza” (AZEVEDO, 1998, p.3). Dona Estela era uma mulher branca, com poses e títulos, que é retratada diferentemente de uma mulher negra escravizada.

Atualmente, não havendo mais uma escravidão legalizada e institucionalizada, a mulher negra ainda é reprimida e marginalizada social e culturalmente quando colocada nos espaços de poder legitimados como de direito da mulher branca. “[...]Se as mulheres negras de classe média tivessem começado um movimento em que designassem a si mesmas como “oprimidas” (HOOKS, 2015, p.7) ninguém as teria levado a sério. Assim, é perceptível que a desigualdade de lutas ainda persiste e era quase inexistente em 1890, sendo Bertoleza um símbolo de resistência, ao tirar sua vida, para não ser escrava, novamente. Não obstante tanta

desvalorização, o corpo negro ainda tem que lidar com o descontentamento do branco por haver tantos mestiços, pois os brancos não satisfeitos com o desdobramento do embranquecimento social, ainda os viam como câncer que corroía a pretensão branca, assim é a percepção do branco em relação a toda geração do corpo preto. (NUNES,1994)

Para Nogueira:

Embora juridicamente capazes de ocupar um espaço na sociedade, os negros eram, de fato, dela excluídos e impedidos de desfrutarem de qualquer benefício social, foram marginalizados, estigmatizados, marcados pela cor que os diferenciava e discriminados por tudo quanto essa marca pudesse representar.

Desde então, libertados do cativeiro, mas jamais libertos da condição de escravos de um estigma, os negros têm sofrido toda sorte de discriminação, que tem como base a ideia de serem os negros seres inferiores, portanto, não merecedores de possibilidades sociais iguais. (NOGUEIRA, 1998, p.15)

Assim, os estigmas acerca do corpo negro são responsáveis por induzi-los a se desvalorizarem, reforçando a depreciação dos corpos pretos perante a supremacia branca e, assim os tornando suscetíveis à limpeza racial, com o clareamento de costumes e sucessivamente. o esquecimento das tradições de suas origens. Aqui, cabe o pensamento também em torno da objetificação e solidão do corpo negro, a liderança não faz parte da estrutura dos mesmos, o reconhecimento da produção não é dada, apesar de alimentar e reproduzir toda uma sociedade.

Se o negro, de um lado, é herdeiro desse passado histórico que se presentifica na memória social e que se atualiza no preconceito racial, vive, por outro lado, numa sociedade cujas autorrepresentações denegam esse mesmo racismo, camuflando, assim, um problema social que produz efeitos sobre o negro, afetando sua própria possibilidade de se constituir como indivíduo no social; assim, não se discute o racismo que, na condição de um fantasma, ronda a existência dos negros. (NOGUEIRA, 1998, p.34)

Assim, comportamentos como esse são motivados por não haver espaços de discussão sobre a escravidão, pois dela derivam os impactos econômicos, sócio-histórico e cultural. Decorre desse fato, o não questionamento do poder dado ao homem branco, como Lélia Gonzalez (1984) discute, acerca de como o racismo estrutural se ramifica. Ainda, seguindo o pensamento de Nogueira, as consequências de toda essa estruturação foram denominadas como "[...]lumpemproletariado (marginais, mendigos, prostitutas, etc.), grupo formado por marginais ao sistema produtivo" (NOGUEIRA, 1989, p. 35), dessa forma, criando além da subjetividade branca manipuladora a intensificação da subjetividade negra subalternas.

Percebe-se que o corpo da mulher negra foi usado como objeto para o trabalho e usufruto de seus proprietários, sendo tratado como corpo com funções escravas, estando a maioria vinculada a trabalhos domésticos, além da função sexual. Com o passar do tempo essas mulheres negras foram ocupando as funções roceiras do campo e urbanas. Atualmente, ocupam cargos em contramão a lugares de poder, estando a maioria na base da pirâmide social. Além disso, a mulher preta e pobre foi subtraída de anos de escolaridade, o que intensificou o retrocesso da pós-escravidão e adiciona mais formas de violência contra o corpo negro e feminino, ao dificultar-lhe o direito e o poder de conhecimento e o poder de posses de títulos.

A literatura é a representação da sociedade, a partir dela entendemos a coexistência do mundo através da representação de sujeitos e da sociedade e, mesmo sendo ficção, a literatura também tem o poder de ensinar a representação de valores em relação à realidade.

Até o século XVIII, a literatura era considerada apenas por poemas e narrativas épicas, apesar de que, é nesse mesmo século, por meio do romance Dom Quixote, publicado ainda no início do século XVII, surge o romance moderno. No Brasil o romance tem início apenas em meados do século XIX, mais precisamente com o romantismo e seu projeto de criação de uma identidade nacional. Percebe-se, pois, que a literatura, no Brasil, já nasceu como expressão cultural e política de um grupo privilegiado e distanciado das discussões sociais da época.

A literatura é representada de diversas formas, por diversas pessoas com representações diferentes, uma delas é a literatura de autoria negra, a quem cabe enaltecer as poucas obras existentes em comparação com a literatura de autoria e de temática branca. É na contemporaneidade que essa representatividade se faz mais presente.

Segundo Conceição Evaristo,

a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos”, a mesma surge com o pensamento de descontentamento da representação negativa feminina na literatura brasileira que majoritariamente mede entre a seu passado cativo e a imaginária do “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2005, p. 52)

Bertoleza é um dos exemplos que temos nessa relação, pois apesar de ser uma das personagens que tem a maior representatividade da história dentro do romance *O Cortiço*, poucas vezes ela teve direito à voz e diálogo e quando esses aparecem, são curtos. A mesma veio a aparecer com maior ênfase, já no final com seu detalhado fim trágico.

Inicialmente, as falas de Bertoleza são apresentadas em terceira pessoa, com o narrador apropriando-se de sua voz:

Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego[...] Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna [...] ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre [...] Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português [...] na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. (AZEVEDO,1997, p 1-194)

Nota-se que Bertoleza não tem voz na narrativa, sendo retratada como mulher sem ânimo e submissa. As poucas falas da personagem orbitam em torno de João Romão e este, quase sempre desvaloriza suas ideias.

— Você deu hoje para conversar com as almas, seu João?... perguntou-lhe Bertoleza, notando que ele falava sozinho, distraído do serviço.
 — Deixe! Não me amole você também. Não estou bom hoje!
 — Ó gentes! não falei por mal!... Credo. (AZEVEDO,1997, p. 56)

Bertoleza, apesar de ser responsável direta e indiretamente pelo o cortiço, construindo-o juntamente com João Romão não é retratada com o grau de importância de que é merecedora.

Assim, Bertoleza é imaginada por um sistema de representação escravocrata, não tendo uma possibilidade de reivindicação de direitos, mas alguém submissa e silenciosa. Entretanto, no instante em que teve lugar de fala, posiciona-se com consciência acerca de sua opressão.

— Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira a toa! exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, seu João! (AZEVEDO, 1997, p. 117)

Portanto, Bertoleza, apesar do final trágico, representa a força persistente para ser agenciadora de sua vida. ela é uma inconformada com o a exploração e a expropriação de seu corpo e de seu trabalho, lutando até o final da vida pela sua liberdade em face da traição do seu companheiro e da inaceitável volta para a escravidão, prefere matar-se.

3 EXPANSÃO SOCIAL BRANCA & ESCRAVIDÃO E MORTE NEGRA: JOÃO ROMÃO X BERTOLEZA

A sujeição à escravidão do século XIX foi resultado de uma ação de poder entre expansão de cafeicultura e a elite brasileira intituladas “barões do café” - donos de fazendas de café - para com os escravos. Mesmo sendo uma época em que em muitos países já houvesse a abolição da escravidão, o Brasil teve essa ação tardia, demonstrando o peso da sua ganância pela mão de obra barata e sofrida. Apesar que em 1831, com existência da lei Feijó, conhecida popularmente na época como a “A lei para o inglês ver” foi proibida a entrada de novos escravos no Brasil, sobrecarregando os antigos escravos, a mesma não foi respeitada, pois não tinha vigilância e serviu apenas para ceder às pressões políticas.

Apenas em 1850 uma nova lei foi criada com o mesmo propósito - a Lei Eusébio de Queiroz, Nº 581, vale ressaltar que ainda não seria a abolição da escravidão, apenas a proibição do tráfico de novos escravos, assim, foi de suma importância para o processo de migração de europeus brancos para trabalhar nos cafezais, mesmo que muitos anos depois da lei, foi o caso do personagem, português, Jerônimo, que o caracterizavam como uma pessoa muito trabalhadora,

Jerônimo [...] era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. Em poucos meses se apoderava do seu novo ofício e, de quebrador de pedra, passou logo a fazer paralelepípedos; e depois foi-se ajeitando com o prumo e com a esquadria e meteu-se a fazer lajedos; e finalmente, à força de dedicação pelo serviço, tornou-se tão bom quanto os melhores trabalhadores da pedreira e a ter salário igual ao deles. (AZEVEDO, 1997, p. 46)

É de se compreender, que diferente da personagem Bertoleza, Jerônimo foi recebido da melhor forma no cortiço, mesmo pedindo um maior salário pelo seu trabalho, para seu “superior” (que ao decorrer do enredo percebe-se que o mesmo tem apreço a não gastar mais do que o necessário), ao que era comum ao ser oferecido aos demais, o mesmo relata que não aceitaria menos, mostrando a valorização pelo seu ofício e que deveria ser respeitado e que foi concedido, respeito esse que Bertoleza nunca teve, mesmo sendo a responsável pela maior parte da riqueza de João Romão.

Em 1870, surge o darwinismo social, seguimento de Charles Darwin que a população acreditava, que segundo sua teoria sobre a “seleção natural” a mesma seria a justificativa para que segundo os princípios de Darwin, “[...] A esta preservação das diferenças e variações individuais favoráveis, e a destruição das prejudiciais eu chamei de Seleção Natural ou

Sobrevivência do mais apto” (Darwin, 1875, p. 40). Assim, a teoria social insinua que os mais aptos para uma boa sociedade seriam os brancos, abrindo portas para o racismo, imperialismo, entre outras formas de segregação.

Cabe pensar também que essa seleção é encontrada em *O cortiço* quando o narrador retrata que os mais espertos, egoístas, muquiranas, são os que sobrevivem, no caso o João Romão, e as pessoas mais tolas e ignorantes sobre a deslealdade do outro, como Bertoleza que foi vítima dessa “evolução”. Diversas são essas formas encontradas para justificar a violência que os mais desfavorecidos como os negros sofreram, durante a criação do Brasil e mundo, e sendo inúmeras vezes caracterizados como não cooperativos, logo essas pessoas?! Responsáveis pela mão de obra de toda a criação. Bertoleza teve mais de uma vez a sua liberdade anulada, a primeira vez quando era escrava do seu primeiro dono (o velho cego) que a fazia trabalhar fora de casa, e a segunda quando foi enganada pelo seu par antirromântico, que a escravizou com a mesma premissa do anterior, mas com o indulto de ocultação da sua carta de alforria, na qual a mesma acreditava que estava trabalhando para um crescimento em conjunto com seu amigo.

O Cortiço é um romance século XIX e faz parte da escola literária naturalista, portanto, dentre suas características teóricas e estéticas, defende as teorias do determinismo biológico, do homem produto do meio social e se volta para a razão e para o cientificismo, ao analisar as patologias do homem. Por isso, é comum a existência de diversos exemplos de zoomorfização na literatura dessa época, conforme percebido por Lacaz-Ruiz:

A animalização do homem é um fenômeno que pode ser abordado de diferentes maneiras. Desde a consideração do homem que é animalizado por realizar atos não humanos até àqueles que são tratados pela sociedade como animais, passando pela animalização na forma de fábulas ou das histórias em quadrinhos. Um outro aspecto que vale a pena considerar é o de abordar os animais com os critérios humanos; projetar atitudes e sentimentos humanos no animal. (Lacaz-Ruiz, et al. 1998, p.28)

A constatação da animalização dos personagens de *O cortiço* é exemplificada nas narrações, como por exemplo, em primeiro momento da descrição de Bertoleza, referindo-se ao primeiro parceiro de Bertoleza a um animal de quatro patas; [...]” Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta”. (AZEVEDO, 1997, p. 1)

A passagem social é um grande determinante para o enredo, sendo representada por João Romão, que se via tentado a mudar de vida e ascender socialmente, para tanto, precisava se casar com uma moça de classe nobre e que o levaria a ter uma nova casta. Dessa forma,

tendo que se “livrar” da sua parceira, Bertoleza - que o ajudou a subir de vida - por ela representar o seu passado sórdido. Bertoleza era o torpe balcão da primitiva bodega “[...]era o fregue imundo e a lista cantada das comezainas à portuguesa; era o sono roncado num colchão fétido, cheio de bichos; ela era a sua cúmplice e era todo seu mal” (AZEVEDO, 1997, p. 107). Cabe aqui a identificação do que a mulher negra, como Bertoleza, representa para a cômputo e a sociedade, (Bertoleza é caracterizada como a força de trabalho que vai enriquecer o homem branco (João Romão) visto que ela é expropriada do seu trabalho e dos bens resultados do mesmo: dinheiro, o produto e a valorização de sua força de trabalho. Essa expropriação se estende até à liberdade dela.

Conforme percebemos em Candido:

A perspectiva naturalista ajuda a compreender o mecanismo d'O Cortiço, porque o mecanismo do cortiço nele descrito é regido por um determinismo estrito, que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça) e ambos definindo as relações humanas na habitação coletiva. Mas esta força determinante de fora para dentro é contrabalançada e compensada por uma força que atua de dentro para fora: o mecanismo de exploração do português, que rompe as contingências e, a partir do cortiço, domina a raça e supera o meio. O projeto do ganhador de dinheiro aproveita as circunstâncias, transformando-as em vantagens, e esta tensão ambígua pode talvez ser considerada um dos núcleos germinais da narrativa. (CANDIDO, 2004, p. 119)

Desse modo, João Romão é o personagem que se aproveita das circunstâncias da parceira e seu anseio de mudar de vida - representando o conceito do determinismo - e mesmo Bertoleza não esperando o amor dado do seu companheiro - demonstrando o seu reconhecimento sobre a questão de valorização do negro como par romântico - a mesma espera ao menos que, ao passar dos anos, tenha proteção na sua velhice para, assim, usufruir do trabalho pois, apesar da sua inocência ao compactuar com o estilo de vida que tem com João Romão, tem a lucidez sobre os seus esforços físicos que geraram riquezas, algo que João Romão não aceita e trama para retirá-la do caminho, mostrando que depois de usados, os negros não tem mais serventia.

Bertoleza, na sua primeira aparição, era conceituada como uma escrava de ganho - que exercia tarefas remuneradas -, o que era comum nas praças brasileiras, escravos vendendo de forma ambulante, (que não tem um lugar fixo para trabalhar) para dar lucros aos seus donos, conforme realça Azevedo,

Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr'ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” e novamente quando estava em comunhão com João Romão voltou a ser uma escrava de ganho, mas agora, segundo Azevedo, com “o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. (AZEVEDO, 1997, p. 1).

Não era liberta, muito pelo contrário, além de trabalhar na casa de seu dono também trabalhava fora sendo escravizada duas vezes, em alguns momentos até conseguia guardar dinheiro para comprar sua carta de alforria, algo totalmente fora da sua realidade ao pensar em tanto que tinha de trabalhar para conseguir o dinheiro suficiente para dar para seu dono, ela perdia a sua vida em todos os lados em que estava.

E, ao estar junto com seu parceiro, a situação não era diferente:

Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (AZEVEDO, p.15)

Apesar de ser mestiça, no enredo como “cafuza”, ou seja, que provém da conjunção de traços negros e indígenas, Bertoleza acreditava ingenuamente que, no momento, o cafuzo era intitulado como “[...]embranquecimento racial” (AZEVEDO, 1997, p. 1), logo que não queria se sujeitar a negros, quando se juntou a João Romão por ele ser branco. O conceito tem como premissa procriar mais crianças brancas, pois, seguindo o pensamento, um país mestiço não era a face de um país moderno e forte na qual deveriam extinguir a raça “inferior”, supervalorizando a raça branca.

Em relação a essa natalidade controlada, tem-se conhecimento de trecho de um artigo do filósofo Francisco Soares Filho do ano de 1821, exemplificando como era esse tipo de concepção.

Os africanos, sendo muito numerosos no Brasil, os seus mestiços o são igualmente; nestes se deve fundar outra nova origem para a casta branca. (...) Os mestiços conservarão só metade, ou menos, do cunho Africano; sua côr he menos preta, os cabellos menos crespos e lanudos, os beiços e nariz menos grossos e chatos, etc. Se elles se unem depois à casta branca, os segundos mestiços tem já menos da côr baça, etc. Se inda a terceira geração se faz com branca, o cunho Africano perde-se totalmente, e a côr he a mesma que a dos brancos; às vezes inda mais clara; só nos cabellos he que se divisa huma leve disposição para se encresparem. (...) E deste modo teremos outra grande origem de augmento da população dos brancos, e quasi extinção dos pretos e mestiços desta parte do Mundo; pelo menos serão tão poucos que não entrarão em conta alguma nas considerações do Legislador. (SOARES, 1821 n.p)

O corpo de Bertoleza é considerado múltiplo para cunho servil, trabalhava sem descanso, dormia depois de zelar pelo corpo cansado e doente do companheiro, mas era incapaz de poder usufruir das regalias que o mesmo tinha, “[...] pelo contrário, à medida que

ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira” (AZEVEDO, p.149). Em vista disso, entende-se que a submissão da mulher é incorporada em muitos aspectos para satisfazer o outro e não a si, pois segundo Sueli “qualquer que seja a modalidade estudada, a experiência da violência está presente nas subjetividades das mulheres”, assim, exemplificando que essa mulher, apesar de lutar em conjunto é molestada, tirando o benefício do seu corpo e o descanso da sua alma na sua existência.

Bertoleza se modelava a João Romão no percurso do envolvimento em que tinham, mesmo sendo enganada sobre sua carta de euforia, a mesma não deixava por si só de ser escrava, deixando de viver para si, para viver para o outro, mesmo que “João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tismada” (AZEVEDO, 1997, p. 60), cabendo aqui o argumento, antes citado, de que a violência está na subjetividade da mulher, dela tudo provê, mas nela nada se retribui.

Até mesmo em questões cotidianas percebe-se que no começo Bertoleza se colocava de uma forma mais fraterna, assim como outros personagens ao intitular seus parceiros de “seu homem”, algo de aparência a marido, como: “para defender com ela a propriedade do seu homem”, “para a ceia do seu homem”, “ ao ver tanta gente reunida, gritou para seu homem”, (AZEVEDO, 1997, p 2-108) percebe-se a nitidez do que Bertoleza procurava e pensou que tinha achado, alguém que ela poderia sim servir, como era comum para uma “esposa” e ter o poder de intitular de seu com propriedade, mas também alguém que a protegesse. Essa crença de que havia encontrado o amor e um porto final revelou-se como uma ilusão para ela, visto que ela foi descartada após João Romão ter usufruído de tudo que poderia retirar dela: sexo, mão de obra servil gratuita e comprometimento parceiro.

O direito do respeito ao ser humano nunca foi dado a Bertoleza, quando até mesmo em momentos em que estava para servir gratuitamente, João Romão menospreza a mesma, “[...] por mais de uma vez mandara Bertoleza à coisa mais imunda, apenas porque está lhe fizera algumas perguntas concernentes ao serviço.” (AZEVEDO, 1997, p. 112), mesmo que furioso no dia, cabe pensar se a forma de tratamento seria o mesmo ao outro não negro, serviente.

Apresentação de Bertoleza é feita pelo narrador de forma violenta, visto que ele a desumaniza e a caracteriza com adjetivos animais acerca do seu corpo e de suas feições biológicas, até mesmo em seu momento de descanso ao dormir. “[...] a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre” (AZEVEDO, 1997, p. 114). Portanto, quando o narrador retira qualquer qualidade humana de Bertoleza, faz com que ela seja vista como um animal sem direitos a

quaisquer benefícios que são considerados para o homem, nesse caso homens e mulheres brancas de uma sociedade racista e escravocrata.

Bertoleza não era vista como merecedora de demonstrações de amor e estava habituada com a insignificância em que era colocada desde seu nascimento, por isso, acreditava-se que grande parte da sua aceitação de toda sua dor é consequência de que não se pensava como mulher com direitos e, sendo assim, não deveria desejar ser vista como merecedora de amor e de respeito

Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativeiro. (AZEVEDO, 1997, p. 195)

Dessa forma, João Romão a manipulava para condizer com o mínimo de anseio de Bertoleza, pois antes do fim do enredo a mesma acreditava que mesmo não recebendo afeições tinha algo em que poderia confiar, seus anos de trabalho. Essa indiferença de João Romão com relação a Bertoleza como uma mulher com sentimentos e não apenas como um corpo utilitário, retirou da sua vida mais uma forma de dignidade humana: o direito de ser amada.

Se vendo através da sociedade, Bertoleza nunca se deslumbrou sobre a vida, ela “[...] escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.” (AZEVEDO, 1997, p. 195) Seus olhos sempre refletiam o que os olhos dominantes do outro soavam sobre ela, a sociedade nunca deixou nem ao menos a liberdade de sonhar em conduzir suas idealizações.

É relevante entender que Bertoleza tinha uma grande adoração pelo seu amigo - João Romão “[...] tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor.” (AZEVEDO, 1997, p. 98), assim, Bertoleza, mesmo que tenha existido cunho físico e sexual com João Romão, a mesma se contentava em servir um homem por ele ser branco e assim, superior a ela.

Bertoleza foi subtraída e submissa e, como resultado de toda sua força para fugir, trabalhar e juntar dinheiro para comprar sua própria liberdade, juntar-se a um homem branco, trabalhando para o enriquecer, não conseguiu livrar-se do fatalismo de sua existência, do fardo determinista que era a sua vida, por isso, foi a algoz de sua própria morte.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativoiro (...) A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela não se despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. (AZEVEDO, 1997, p 118)

Desta forma, é perceptível que mesmo que Bertoleza sempre tenha sido forte, quando escrava ciente e consciente que ajudou crescer todo um cortiço – que ela que foi a responsável por ele, pois o próprio João Romão, sozinho com sua vendinha não teria o suficiente para tanto -, ele se apropriou de suas economias destinadas à compra da carta de alforria e se aproveitava de sua força de trabalho, visto que era ela que vendia, roubava material de construção, juntamente com ele, lavava, cozinhava, cuidava de tudo e todos, diante do espanto de se ver traída, usada e descartada por seu homem, em último ato de rebeldia libertária, mata-se.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo desse artigo, percebe-se que há uma persistente, estrutural e histórica desvalorização da mulher negra na sociedade brasileira. O estudo da personagem Bertoleza com sua expropriação do trabalho e a objetificação do seu corpo ainda encontra resquícios na sociedade atual. Ainda que a população negra seja maioria segundo IBGE (2021) com a somatória de 55,8% da população, os negros e pardos ainda são tratados como minorias.

Bertoleza é uma representante do que a maioria das mulheres negras passaram, na história da formação da identidade nacional brasileira e, dolorosamente, ainda se faz presente na atualidade, resguardadas as diferenças históricas, pois apesar de novas leis que garantem segurança, igualdade e oportunidades, muitas mulheres não alcançam esse patamar social e são vistas como corpos baratos e descartáveis.

Concluindo, ainda que já haja muitos estudos sobre essa temática e essa personagem, ela não deixa de ser atual e pertinente para abordagem nas escolas, visto que possibilita uma reflexão política sobre as históricas estruturas de racismo e de violência em torno da mulher negra brasileira, pois a leitura é uma das melhores percepções sobre quem fomos e quem somos e é “[...] lendo que nos tornamos mais humanos e sensíveis.” (CAVALCANTI, 2002, p.13). Dessa forma, refletindo sobre a história escravocrata brasileira, a literatura é um meio para a analisar criticamente e discutir os mecanismos de opressão, racismo e sexismo que permeiam a sociedade.

Por fim, estudos como esse devem ser desenvolvidos continuamente, até as questões como a de Bertoleza serem consideradas como uma distante e trágica página do passado nacional e que não devem continuar como realidade presente.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=2018>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- ALMEIDA, Suely Souza de. Violência e subjetividade. **Clínica e política: subjetividade e violação dos direitos humanos**, p. 45-50, 2002.
- CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **O discurso e a cidade**, v. 3, p. 105-129, 1993.
- DARWIN, C. On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle of life. [1875]. 6. ed. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1952 (Great Books of the Western World 49)
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.
- FRANCO, Francisco Soares. **Ensaio sobre os melhoramentos de Portugal, e do Brazil**. Impressão Regia, 1821.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984
- HOOKS, Bell. Políticas Feministas: de onde partimos, 2009. 2018.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 193-210, 2015.
- KERNER, Ina. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos estudos CEBRAP**, p. 45-58, 2012.
- LUCAZ-RUIZ, R. ; CORREA, V. F. ; TAVARES, F. A. ; SCOTON, R. A. . A animalização do homem: uma visão ontológica do ser individual e do ser social. *Videtur (USP)*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 29-38, 1998. Disponível em acesso em 28 abril 2022.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. **Universidade de São Paulo**, 1998.
- NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 13, n. 135, p. 40-45, 1999.
- NUNES, Zita Cristina. Race, miscigenation, and the construction of a national identity: The modernist period in Brazil. 1994. Tese (Doutorado) – University of California at Berkeley.